

DITADURA MILITAR E MEMÓRIA DISCURSIVA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO GÊNERO *MEME*

Jonas Eduardo Rocha

Mestrando em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR),
Curitiba, PR-Brasil

Maria de Lourdes Rossi Remenche

Doutora em Linguística pela USP – SP, Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos
de Linguagens - PPGEL, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, PR-
Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira as ideias sobre memória discursiva propostos por Achard (1999) e Pêcheux (1999) se materializam em práticas discursivas da cibercultura. Para isso, foram selecionados quatro textos do gênero discursivo *meme*, que abordam o período da ditadura militar no Brasil, sendo que dois deles buscam manter a visão de um regime opressor, enquanto os outros promovem deslizamentos de sentido e desconstruem a ideia de repressão ditatorial por meio da ironia. Para essa análise, realizamos uma contextualização do período militar, explorando os polos ideológicos envolvidos nesse contexto. Na sequência, fizemos uma breve descrição do gênero *meme* com base em Dawkins (2001), Horta (2015), Guerreiro e Soares (2016) e Souza Júnior (2012), bem como uma retomada da concepção de memória pela Análise do Discurso Francesa. A análise evidencia que os *memes* configuram-se como implícitos que fazem parte da memória discursiva de seus usuários e podem ser retomados em outros discursos, conforme a intencionalidade e concepção dos sujeitos.

Palavras-chave: Análise do Discurso Francesa. Memória discursiva. *Meme*. Implícitos.

Abstract: This article aims to analyze how the ideas about discursive memory proposed by Achard (1999) and Pêcheux (1999) are materialized in discursive practices of cyberculture. For this, four texts of the discursive genre *meme* were selected, which deal with the period of the military dictatorship in Brazil, two of which seek to maintain the vision of an oppressive regime, while others promote slips of meaning and deconstruct the idea of dictatorial repression by half irony. For this analysis, we perform a contextualization of the military period, exploring the ideological poles involved in this context. In the sequence, we made a brief description of the *meme* genre based on Dawkins (2001), Horta (2015), Guerreiro and Soares (2016) and Souza Júnior (2012), as well as a resumption of memory conception by the French Discourse Analysis. The analysis shows that memes are implicit that are part of the discursive memory of its users and can be taken up in other discourses according to the intentionality and conception of the subjects.

KEY-WORD: Analysis of the French Discourse. Discursive memory. *Meme*. Implicit.

INTRODUÇÃO

“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir.” (Saramago, 2004)

A dimensão da temporalidade se constitui pelas diferentes versões dos fatos já registradas pelos historiadores e por representações sociais. Nessa trama de muitos fios, o conceito de memória é amplo e suas definições variam de acordo com a área de estudo em que é mobilizado. Neste trabalho, a memória será abordada a partir das concepções da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a partir das ideias propostas por Achard (1999) e Pêcheux (1999).

Para essa análise, selecionamos um gênero discursivo de ampla circulação e relevante produção na cibercultura: o *meme*. Assim, abordaremos a origem do termo *meme*, criado a partir de estudos da genética desenvolvidos por Dawkins (1979), que classificavam como *memes* todas as informações que, assim como ocorre com os genes, replicados de um organismo a outro, são retransmitidos socialmente. A partir desse conceito, serão apresentadas algumas definições do gênero *meme* na atualidade, tendo como base contribuições de Horta (2015), Guerreiro e Soares (2016) e Souza Júnior (2012).

Para a análise, selecionamos *memes* que tematizam a ditadura militar no Brasil a partir de diferentes visões e geram, portanto, deslizamentos e diferentes efeitos de sentido por meio da ironia e do humor. Nosso objetivo com essa seleção foi averiguar de que maneira esses textos contribuem para a manutenção ou para a desconstrução da memória referente ao período em estudo e, conseqüente apagamento de fatos históricos.

MILITANTES E MILITARES: UMA BATALHA DE EFEITOS DE SENTIDO

A ditadura militar brasileira, que teve início após o golpe de Estado de 1964, tornou-se, nos últimos anos, assunto bastante discutido pela sociedade em virtude de posicionamentos políticos e tentativas de apagamentos de fatos históricos. Para Reis

(2014, p. 7), esse período se constitui em um dos momentos mais importantes da história recente do país. Segundo esse pesquisador:

Apoiado em amplos movimentos sociais, quase sem dar um tiro, dobrando resistências que se imaginavam consideráveis, unificando quase todas as Forças Armadas e as principais instituições republicanas, um golpe de Estado depôs o presidente da República legalmente eleito [...]. (REIS, 2014, p.7)

O golpe de Estado teve como objetivo o afastamento do então Presidente da República João Goulart, seguido da posse do Marechal Castelo Branco. O período entre 1964 e 1985 promoveu uma reformulação política no país e instaurou uma forte censura à imprensa, perseguições a figuras contrárias ao regime recém-estabelecido, assim como restrição de direitos políticos.

O Ato Institucional (AI-1), primeiro de vários, designava ao governo militar o poder de fazer alterações na Constituição, anular direitos políticos e realizar eleições indiretas para o governo do país. Os partidos políticos, agremiações, sindicatos e diversos outros órgãos da sociedade se viram submetidos à chancela do governo militar. Reis (2014, p.10 e 11) faz alguns questionamentos referentes aos Atos Institucionais:

E o que dizer de toda uma legislação ditatorial legada pelos abortos constitucionais de 1967 e de 1969, mutilada e remendada por decisões arbitrárias escoradas nos Atos Institucionais, condicionando o conjunto da vida política, um verdadeiro “entulho autoritário”, como muitos desde então denunciavam?

Todavia, um dos capítulos mais polêmicos e discutidos desses 21 anos de regime militar é a tortura. Há inúmeros relatos de fortes punições e agressões a sujeitos considerados inimigos da pátria, contrários às designações do governo, considerados perigos à integridade da nação. Sobre os absurdos da tortura, foi lançado em 1985 o livro “Brasil: Nunca Mais”, fruto de um amplo projeto idealizado por Dom Paulo Evaristo Arns, pelo reverendo Jaime Wright e pelo rabino Henry Sobel. A publicação trazia uma minuciosa pesquisa sobre os crimes e os métodos de tortura. Segundo consta nessa obra, a tortura era, além de um método comum, uma prática ensinada aos militares (2001, p.32):

De abuso cometido pelos interrogadores sobre o preso, a tortura no Brasil passou, com o Regime Militar, a condição de “método científico”, incluído em currículos de formação de militares. O ensino deste método de arrancar confissões e informações não era meramente teórico. Era prático, com pessoas realmente torturadas, servindo de cobaias neste macabro aprendizado.

Inúmeros são os relatos que comprovam a prática da tortura durante o período de governo militar no Brasil. Muitos deles impressionam pelo requinte de crueldade utilizados pelos algozes. O perfil das vítimas era variado: estudantes e professores contrários ao regime, artistas opositores ao perfil ditatorial, políticos contrários ao conservadorismo dos militares, entre outros.

Embora haja inúmeros registros e documentos que evidenciam esses fatos e, conseqüentemente, denunciam e contribuem para manter viva a memória sobre os crimes de tortura cometidos durante o governo militar, ocorrem também iniciativas que visam à desmistificação do regime militar e apagamentos históricos. Segundo essa corrente, os excessos descritos por vários delatores são falsos relatos com o propósito de desmoralizar os feitos do governo daquela época. De acordo com Martins Filho (2003, p.3):

Apesar das expectativas desse tipo, o certo é que a guerra da memória se constituiu justamente num intenso intercâmbio de versões sobre os aspectos mais polêmicos da ditadura do pós-64. E essa própria guerra já tem uma história. Na medida em que os militantes não se calaram, os militares também saíram à luz para expor sua visão dos acontecimentos e/ou para defender sua atuação pessoal naquela fase. Nesse sentido, a mais breve observação do material disponível mostra que os protagonistas militares também não se resignaram ao silêncio.

Nesse sentido, podemos citar o livro “Brasil, sempre”, publicado em 1986 pelo sargento Marco Pollo Giordani. A obra foi uma tentativa de contestar as denúncias de abusos supostamente cometidos pelas Forças Armadas durante o governo militar. Sobre essa publicação, Martins filho (2003, p.8) comenta:

[...] o livro nega a existência da tortura e justifica os eventuais “excessos” como um resultado lógico da lei física de que a cada ação corresponde uma reação, da lei biológica de que para cada veneno há um antídoto, ou da sabedoria popular de que quem semeia ventos colhe tempestades [...].

Giordani (1986) foi membro das forças armadas e é defensor incansável do regime militar como meio mais viável para a consolidação política, social e econômica do Brasil. O autor é veementemente contrário às ideias socialistas e aponta para a tentativa, segundo ele, por parte da ala esquerdista do país, de desmoralizar os feitos do governo militar:

Em todas as ocasiões, no entanto, souberam nossas gloriosas Forças Armadas neutralizar tão nefastas investidas. Procuram agora inocular nas novas gerações um sentimento antimilitar. Tentam, por todos os meios, imprimir às

nossas Forças Armadas uma imagem antipovo, antibrasil. (GIORDANI, p. 74, 1986)

Nos últimos anos, mais especificamente após o *impeachment* da Presidente da República Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, uma parcela considerável da população passou a defender a intervenção militar como uma iniciativa de combate à corrupção e resgate dos valores e da moral da nação. Vários grupos considerados de direita defendem que as forças armadas seriam capazes de diminuir os índices de violência e os escândalos de corrupção no país. Mendonça e Nichols (2017, p.5) realizaram uma pesquisa relacionada a comentários e postagens em páginas do Facebook ligadas a simpatizantes do regime militar e sinalizam:

Ligado a isso, no contexto atual, está a influência das redes digitais e suas possibilidades de debate público. À exemplo, a intensa exposição de opiniões identificada na página de Jair Bolsonaro no Facebook. O político fala sobre a Ditadura Militar em 32 posts desde o ano de sua estreia nessa rede digital, 2013, até fevereiro de 2017. Nessas publicações foram registrados 46.669 comentários.

Os fatos apresentados até aqui evidenciam que o período de regime militar brasileiro é bastante controverso e gera, até hoje, inúmeras discussões entre pessoas contrárias ao governo militar e os defensores do regime. Ainda que esses antagonismos existam, não podemos ser indiferentes a esse momento histórico e problematizar o tema é uma forma de jogar luz sobre essas questões.

Verificamos que a defesa desses diferentes posicionamentos se manifesta por meio de publicações bibliográficas, manifestos, depoimentos, obras de arte, entre tantos outros mecanismos. Tanto os defensores de um novo regime militar, quanto os representantes da parcela contrária a essa ideia utilizam diversos meios de comunicação para defesa de seus pontos de vista. Dentre eles, destacam-se as postagens realizadas no ciberespaço, mas especificamente nas redes sociais.

MEMES NAS REDES SOCIAIS: ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO

Na contemporaneidade, cada vez mais, vivemos circundados por signos de diferentes linguagens e designs que produzem efeitos de sentido a partir de arranjos

verbo-visuais variados, ou seja, multisemióticos. Nessa concepção, língua e linguagem reconfiguram-se de forma dinâmica ao mesmo tempo que influenciam a forma como enunciamos e representamos o mundo e suas inter-relações.

Considerando esse contexto de mídias digitais, o gênero discursivo *meme* possui ampla circulação nas redes sociais e condensa características provenientes de outros gêneros, como a charge e a tirinha, porém com diferenças macro e microestruturais, inclusive no que diz respeito à questão da autoria. Por ser um gênero multisemiótico, pode englobar em sua estrutura elementos linguísticos, visuais e sonoros. No entanto, para a presente pesquisa, selecionamos *memes* que apresentam uma composição verbo-visual, por ser o tipo de *meme* mais recorrente nas redes sociais.

Ao retomarmos a origem do termo *meme*, verificamos que, inicialmente, foi utilizado por Richard Dawkins em “O gene egoísta”, publicado pela primeira vez em 1976. Nessa publicação, Dawkins busca explicar a evolução das espécies por meio dos genes. Segundo o autor:

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a "memória", ou à palavra francesa *même*. (DAWKINS, 1979, p.112)

Nessa perspectiva, o *meme* seria uma unidade de replicação, isto é, da mesma maneira que um gene passa de um corpo para outro carregando informações, o *meme* é transmitido de cérebro para cérebro num processo imitativo. No que se refere ao ambiente virtual, a palavra *meme* passou a designar tudo aquilo que, embora se espalhe na internet com certas alterações, mantém determinados elementos – linguísticos, sonoros e/ou imagéticos – objetivando gerar humor e reflexão. De acordo com Souza Júnior (2012, p.367 e 368),:

Localizando-nos, agora, do ponto de vista da Memética, memes da Internet são, portanto, aquilo que se transmite em forma de usos ou mecanismos, via um processo colaborativo e coletivo de replicação (exclusivamente *on-line* – pela Internet –, inicialmente).

Os primeiros *memes* surgiram com o processo de domesticação da internet, que contribuiu para que uma parcela maior da população acessasse as redes sociais. Utilizados inicialmente em redes sociais menos populares dos Estados Unidos, os *memes* passaram a ser cada vez mais frequentes, carregando em suas estruturas inúmeras intenções. Por isso, apenas associá-los ao viés genético proposto por Dawkins não será suficiente, conforme Horta (2015, p. 16) defende em sua pesquisa:

Esta investigação, portanto, almeja compreender o meme como uma maneira encontrada pelos usuários de entender o mundo, ressignificando as informações que se apresentam em seu cotidiano, algo que implica mediação, compreensão e crescimento sógnico. É nesse sentido que gostaríamos de lançar luz aos memes da internet.

Considerando que os memes, mais do que simples retransmissões de informações, podem ser entendidos como modos de compreensão do mundo, é possível afirmar que, por meio do humor, carregam intenções e ideologias. Segundo Guerreiro e Soares (2016, p.191), o *meme*: “[...] é destinado não apenas para efeito de humor, mas também a uma crítica social, política e cultural, satirizando, dessa forma, diversos fatos cotidianos, sendo considerado, em grande parte, um protesto virtual”.

Sobre a relevância dos *memes* no que se refere à esfera política, Silveira (2015, p. 224) aponta:

Boa parte da disputa política nas redes sociais é realizada por memes. A esfera pública em que se formam as diversas opiniões públicas não pode mais ser compreendida sem a observação da dinâmica da internet, em particular, das redes sociais online.

Considerando esse contexto de cibercultura, selecionamos quatro *memes*, compartilhados em ambiente virtual, que tematizam a ditadura militar no Brasil. Dois deles (Textos 1 e 2) ironizam os crimes cometidos durante o regime militar e foram publicados em uma matéria no *site* da Folha de S. Paulo em 26/04/2017, que abordava os *memes* criados por usuários de direita em resposta à série de televisão da Rede Globo “Os dias eram assim”. O terceiro *meme* (Texto 3) foi postado no *site* da Universidade Estadual do Ceará, em 18/04/2016, em matéria sobre denúncias contra o então deputado Jair Bolsonaro de crime de apologia à tortura. Por fim, o quarto *meme* (Texto 4) foi publicado na página do *Facebook Ditadura Nunca Mais*, em 02/10/2016. Os textos selecionados seguem:

Texto 1

Na época da Ditadura
"Os Dias eram Assim..."



Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1878571-seriado-da-globo-motiva-memes-que-ironizam-crimes-da-ditadura-militar.shtml/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

Texto 2

Na época da Ditadura
"Os Dias Eram Assim..."



Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1878571-seriado-da-globo-motiva-memes-que-ironizam-crimes-da-ditadura-militar.shtml/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

Texto 3



Fonte: <<http://www.uece.br/nacionalidades/index.php/noticias/43578-2016-04-20-02-21-21>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

Texto 4



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/Ditadura-Nunca-Mais>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

MEMÓRIA DISCURSIVA E DITADURA MILITAR: ENTRE MANUTENÇÕES, DESLIZAMENTOS E APAGAMENTOS

Pêcheux (1999) argumenta que a memória precisa ser compreendida como processo inserido na sociedade que se constitui em percurso discursivo entrecruzado no “choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória” (1999, p. 51), que aponta a uma passagem que vai do visível ao nomeado. Nessa concepção, a memória aparece como “estruturação de materialidade discursiva

complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Nesse sentido, Achard (1999) defende que todo ato discursivo está pautado numa regularização de implícitos a partir da paráfrase, isto é, a enunciação se dá pela reconstrução de uma memória discursiva. Desse modo, para o autor, a enunciação não tem origem no locutor, mas na regularização da retomada e da circulação do discurso. Sobre os implícitos, o autor assevera não ser possível encontrá-los de maneira fixa, concreta, uma vez que eles seriam retomados constantemente, formando uma série de sentidos, não um sentido estático. Segundo Achard (1999, p.17):

Entre outras consequências dessa concepção, levaremos em conta o fato de que um texto dado trabalha através de sua circulação social, o que supõe que sua estruturação é uma questão social, e que ela se diferencia seguindo uma diferenciação de memórias e uma diferenciação das produções de sentido a partir de restrições.

Levando-se em consideração os apontamentos de Achard, é possível entender que qualquer evento discursivo ocorre por meio de circulação social, sendo que a diferença entre eles se dá a partir das distintas memórias retomadas. A memória discursiva, assim, constitui-se naquilo que, diante de um texto que surge como determinado acontecimento, preenche os implícitos. Pêcheux, contudo, problematiza a mobilização desses elementos implícitos e dialoga com Achard (1999) ao argumentar que não encontraremos esses elementos de forma estável e sedimentada, pois é por meio da repetição que se forma “um efeito de série, pelo qual uma ‘regularização’ [...] se iniciaria, e seria nessa própria regularização que residiriam os implícitos, sob a forma de remissões, de retomadas e efeitos de paráfrase” (1999, p. 52), ou seja, é a repetição que estabiliza a memória social.

Contudo, Achard (1999) alerta a respeito das restrições de sentido, afinal, mesmo que um discurso resgate certos implícitos e que esses não sejam estáticos, há uma regularização discursiva. Cabe ressaltar, porém, que as regularizações podem vir a ruir face a um acontecimento discursivo novo, desconstruindo a memória e os implícitos; nesse caso, haveria uma disputa de forças ao tentar manter a regularização já existente ou a desregulação da rede de implícitos.

Pêcheux enfatiza que, ao tratarmos de discursividade, não podemos conceber memória sob um prisma individual:

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador. (PÊCHEUX, 1999, p.50).

A memória discursiva para Pêcheux, assim, está relacionada a dizeres recorrentes que surgem a partir de um contexto histórico específico, sendo retomados ou esquecidos conforme o processo discursivo, uma vez que o discurso está sempre ligado a um “já dito”. Alinhando-se às ideias de Achard, Pêcheux acrescenta que a memória seria o elemento fundamental de um conflito entre forças ideológicas que lutam para manter a regularização ou desestabilizá-la. Distanciando-se de Achard, porém, Pêcheux defende que haveria um jogo de metáforas em que a própria memória se estilhaça, se desconstrói, antes de se transformar em uma paráfrase. O autor complementa, afirmando que:

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polémicas e contra-discursos. (PÊCHEUX, 1999, p. 56)

Quando relacionamos as ideias de Achard e Pêcheux aos *memes* selecionados para análise, verificamos que esses textos retomam diferentes implícitos. O Texto 3 aborda os conceitos de democracia e ditadura em um jogo verbo-visual. O enunciado verbal *Defendendo a ditadura em uma democracia / Defendendo a democracia em uma ditadura* faz um jogo de palavras e contrapõe-se ao visual. Para a produção de sentido, o leitor precisa acionar uma memória relativa ao conceito de democracia e, mais do que isso, contrapor o significado de liberdade e igualdade de direitos ao conceito de ditadura como um regime antidemocrático que priva os sujeitos de sua liberdade e promove tortura. Por fim, ao ativar os implícitos sobre ditadura e democracia, o leitor precisa relacionar a oposição entre os termos - que, conseqüentemente, gera a crítica do *meme* – à imagem do deputado Jair Bolsonaro, representante da vertente política denominada de direita, militar de reserva e apoiador do regime militar. Por trás da imagem do deputado, há toda uma memória discursiva com implícitos relacionados às ideias de direita conservadora, ao passo que a imagem de uma pessoa sendo torturada contradiz justamente o que é defendido pelo político, mostrando um exemplo de método de tortura utilizado na época: o “pau-de-arara”.

Na mesma linha, o Texto 4 apresenta o seguinte enunciado verbal: *Defende a ditadura militar / Foi votar hoje*, acompanhada de uma ilustração do personagem Homem-Aranha, vivido pelo ator Tobey Maguire no cinema, com uma expressão sarcástica. Para que o efeito de humor seja acionado, o leitor precisa ativar sua memória relativa ao conceito de ditadura e confrontar com a ideia de voto, uma vez que as eleições diretas ocorrem apenas em regimes democráticos. Durante o período em que o Brasil foi governado por militares, a população não teve direito ao voto e à escolha de seus representantes políticos, sendo essa, portanto, a ironia apresentada pelo *meme*.

Os Textos 1 e 2, por sua vez, promovem uma tentativa de quebra da regularização no que se refere à ditadura militar no Brasil. Frequentemente, os implícitos relacionados ao tema estão ligados à violação de direitos, tortura, falta de liberdade de expressão e ausência de interferência popular nas decisões do governo. Ambos os textos apresentam o enunciado verbal *Os Dias Eram Assim* que faz alusão a uma série de televisão brasileira produzida e exibida pela Rede Globo em 2017. A série tem, como pano de fundo para o desenrolar do enredo, o período da ditadura militar até chegar a alguns eventos históricos do movimento das *Diretas Já*. Ou seja, a expressão *Os Dias Eram Assim* está presente no imaginário popular a partir de uma trama novelesca, pois a série teve grande audiência, e remete ao período da ditadura. No Texto 1, no entanto, ao usar as figuras dos músicos Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethânia – publicamente contrários ao regime militar e à censura da época – sorrindo descontraidamente em trajes de banho, o autor ironiza a visão de repressão que se tem sobre o regime militar na tentativa de desconstruir a memória sobre esse período da história brasileira. Para complementar esse efeito de sentido, o enunciado verbal *Na praia, sendo barbaramente oprimidos pela ditadura* ironiza o termo ditadura e a luta desses músicos contra o regime. O uso do advérbio *barbaramente* funciona como recurso linguístico para deslizar o sentido do termo opressão. Desse modo, o *meme* busca esvaziar, por meio da ironia, o discurso militante dos artistas abordados, promovendo uma ruptura nos implícitos, com o propósito de fortalecer um posicionamento favorável ao regime militar.

Interpretação similar pode ser feita no Texto 2, que apresenta o cantor e compositor Chico Buarque, juntamente com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bebendo em situação descontraída em um bar no período do governo militar. O enunciado

verbal *Na época da ditadura “ Os dias eram assim...” Se podia sair à noite para tomar umas “pinguinhas” com os amigos nos butecos, sem correr o risco de sermos assaltados, sequestrados e nem oprimidos* mobiliza ideias de segurança, estabilidade e tranquilidade, ou seja, uma situação diversa do cenário atual brasileiro. Linguisticamente, podemos observar que o enunciado utiliza uma variante coloquial (pinguinhas, botecos) que tanto aproxima o texto do interlocutor, como também deprecia o tema, deslocando-o para conversas de bar, ou seja, nada sério. Em relação aos personagens da foto, o músico Chico Buarque é publicamente contrário ao regime militar e faz parte de um grupo de artistas que protestaram sobre as irregularidades dessa época. Sobre o ex-presidente Lula, é notória sua visão política considerada de esquerda e, conseqüentemente, divergente dos ideais de direita. Ao mostrar o ex-presidente e o músico, amigos pessoais e seguidores da mesma visão política, bebendo em uma foto antiga, o *meme* busca desconstruir o discurso desses sujeitos, ironizando-os, de modo a causar uma ruptura nos implícitos do leitor e, por conseqüência, construir uma visão favorável ao governo militar.

Desse modo, os Textos 3 e 4 retomam e reafirmam implícitos amplamente divulgados a respeito de regimes ditatoriais e democráticos, já os Textos 1 e 2 proporcionam uma quebra de regularização e perturbam os implícitos, trazendo novos sentidos ao discurso. Em todos os casos, tanto a retomada dos implícitos como sua ruptura objetivam promover um posicionamento. Nessa perspectiva, o gênero *meme* se constitui em recurso argumentativo amplamente utilizado no ciberespaço para mobilizar ideias, promover deslizamentos e desconstruir/construir efeitos de sentido, assim como gerar apagamentos.

A análise evidencia como a memória discursiva é acionada pelos discursos presentes nos *memes* em questão. Nesse sentido, retomamos Orlandi (1999) quando discute a questão da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, que resulta na forma-sujeito. Em outras palavras, o indivíduo só pode ser caracterizado como sujeito pelo fato de ser construído por inúmeros discursos e memórias que constroem sua ideologia. Sobre a memória, a autora comenta que ela pode sofrer falhas e até esquecimentos. No entanto, ao abordar os manifestos populares contra o governo militar, conhecido como “maio de 68”, Orlandi (1999, p. 66) aponta que, em muitos casos, há um silenciamento da memória, uma censura por parte de grupos neoliberais:

Acontece que estes sentidos - excluídos, silenciados – não puderam e não podem significar, de tal modo que há toda uma história que não corresponde a um dizer possível. Não foram trabalhados socialmente, de modo a que pudéssemos nos identificar em suas posições. Do mesmo modo ficam sem ser politicamente significados os feitos da tortura e do que resultou dela na nossa política.

Essas tentativas de silenciamento, de apagamento e anulação de certos implícitos são permeadas por propósitos ideológicos. Todavia, a autora reforça que o que foi censurado não desaparece totalmente, “ficam seus vestígios, de discursos em suspenso” (1999, p. 67). Nesse sentido, considerando os *memes* em análise no presente artigo, verificamos que os Textos 3 e 4 almejam manter a memória relativa à tortura e repressão ditatoriais no Brasil, enquanto que os Textos 1 e 2 tentam anular tais implícitos, romper essa memória e apagá-la.

Sobre a questão da ideologia no discurso, Orlandi (1994, p. 54) ressalta:

Se é assim para o sujeito, também a relação com o mundo é constituída pela ideologia; a ideologia é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência. No discurso, o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem e cabe ao analista procurar apreender a construção discursiva dos referentes. A ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação.

Tendo em vista o amplo compartilhamento de informações no ciberespaço e os inúmeros discursos proferidos pelos sujeitos, mesmo que haja tentativas de silenciá-los, continuarão em suspensão, disponíveis para serem retomados em defesa de um ponto de vista, a depender da intenção do usuário. Por tudo isso, os *memes* analisados configuram-se como implícitos que farão parte da memória discursiva de seus usuários e podem ser retomados em outros discursos conforme a intenção pretendida, pautada pela acepção ideológica dos sujeitos imersos na cibercultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exercícios de memória constituem nossas vivências e materializam nossas lembranças pessoais e coletivas. Realizar esses exercícios de retomada e lembrança contribuem para que possamos entender a nós mesmos, as relações e instituições sociais, assim como os diferentes contextos que nos circundam. Os sujeitos se constituem a partir

de sua formação discursiva e (re)enunciam a partir de já-ditos, considerando a memória discursiva que aciona os implícitos.

É por isso que os estudos concernentes ao discurso são importantes para entendermos a sociedade, uma vez que os enunciados produzidos pelos diferentes sujeitos se sustentam em formações discursivas e, por sua vez, em formações ideológicas. Entender os discursos, portanto, é entender as relações que regem a sociedade.

O gênero *meme*, que se tornou tão popular nas últimas décadas, se configura em fenômeno discursivo de crítica e defesa de ponto de vista em ambiente virtual, principalmente nas redes sociais. Ao tematizar um período tão difícil da história recente brasileira, o gênero *meme* mobiliza nossa memória para que nunca esqueçamos o que representou a ditadura militar, especialmente para os sujeitos que sofreram tortura.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. Memória e produção discursiva de sentido. In: ACHARD, P. **Papel da memória**. São Paulo: Fontes, 1999.

ARNS, P. E. **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

GIORDANI, M. P. **Brasil sempre**. Porto Alegre: Tchê, 1986.

GUERREIRO, A; SOARES, N. M. M. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

HORTA, N. B. **O meme como linguagem da internet**: uma perspectiva semiótica. Universidade de Brasília (dissertação de mestrado), 2015.

MARTINS FILHO, J. R. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. **Congresso da Associação de Estudos Latino-americanos**. Dallas, Texas, 27-29 de março de 2003. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2003/FilhoJoaoRobertoMartins.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

MENDONÇA, E. C; NICHOLS, B. W. Ditadura Militar e radicalização: uma análise dos comentários na fanpage de Jair Bolsonaro. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em:
<<http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0992-1.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

ORLANDI, E.P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em:
<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1943/1912>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. **Papel da memória**. São Paulo: Fontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. **Papel da memória**. São Paulo: Fontes, 1999.

REIS, D. A. **Ditadura e democracia no Brasil**: Do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SILVEIRA, S. A. Direita nas redes sociais online. In: CODAS, G; CRUZ, S. V; KAYSEL, A. (org.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SOUZA JÚNIOR, J. Memes da Internet, referenciação e sua produtividade funcional: explorando os conceitos via Linguística de Corpus. **XI Fórum de Estudos Linguísticos da Uerj**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:
<http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro07/LTAA7_a28.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.